



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

RAFAEL BORGES MARTINS

**“PROJETO SER CRIANÇA”: FREIREANDO EM MEIO ÀS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DO CPCD**

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

RAFAEL BORGES MARTINS

**“PROJETO SER CRIANÇA”: FREIREANDO EM MEIO ÀS PRÁTICAS
EDUCATIVAS DO CPCD**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências de conclusão do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: Silvana Claudia dos Santos

VIÇOSA – MINAS GERAIS
2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais pela vida e à vida pelas oportunidades. A minha guerreira mãe, Lindalva Maria Borges, que sozinha criou seus dois filhos, com muito amor e dedicação fez tudo o que podia com o pouco dinheiro que tinha para conseguir graduá-los. A minha querida irmã, Juliana Borges, que me apresentou a UFV e a cidade de Viçosa na época da sua própria graduação, além de ter dado “aquele empurrãozinho” para que eu me mudasse para cá e viesse a fazer cursinho pré-vestibular. A minha maravilhosa companheira, Ana Jotta Moreira que com muito amor, amizade e respeito tem me ajudado a me tornar uma pessoa melhor.

Aos grandes mestres que conheci na UFV e suas contribuições para a minha formação pessoal e acadêmica. Em especial à professora já aposentada Vera Lucia Travençolo Muniz, como também à professora Nádia Dutra de Souza pela insistência e dedicação na criação do curso de Ciências Sociais na UFV; Ao professor Jefferson Boechat Soares que me ajudou a enxergar a vida e os fatos corriqueiros de maneira menos simplista, me convidou a questionar as minhas próprias verdades, além claro, das boas horas de conversas sobre Blues, R&B, Soul e Rock ‘n’ Roll; À professora Daniela Alves de Alves que com muita paciência me ensinou a pesquisar e a redigir textos científicos, além dos vários conselhos para a vida; Ao professor Marcelo José Oliveira pela amizade e, principalmente, por ter me apresentado a Antropologia Visual abrindo-me as portas para trabalhar com ela. Ao professor Fabrício Roberto Costa Oliveira pelo apoio, incentivo e amizade. À professora Maria Veranilda Soares Mota pelos conselhos e pela indicação de uma bibliografia que foi fundamental para esse trabalho. Não poderia deixar de citar também a secretária do Departamento de Ciências Sociais, Lenice Fontes, que sempre me foi gentil e prestativa.

À Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância (CEAD) da UFV na qual comecei a estagiar na área de produção audiovisual há cerca de três anos e que foi fundamental para consolidar o rumo que pretendo seguir profissionalmente. Em especial agradeço ao professor Frederico Vieira Passos, à professora Silvane Guimarães Silva Gomes, e aos técnicos José Timóteo Júnior e Márcio de Souza Veríssimo, pelos ensinamentos, amizade e apoio.

Aos amigos que fiz por aqui e que me ajudaram a “segurar as pontas” nos momentos mais difíceis, em especial menciono: Arthur Iglesias, Cecília Seghetto Reis,

Jorge Luiz Gava Ramos, Henrique Franulovic, Henrique Torres Simplício, Luan Anício Rodrigues, Mariana Carvalho Grossi, Pedro Barreto de Oliva e Vinícius Fidelis Rocha.

À minha querida orientadora Silvana Claudia dos Santos que sem me conhecer previamente, abraçou a ideia desse trabalho e acreditou no meu potencial de leva-la adiante. Infelizmente não há como citar todos os nomes aos quais eu gostaria de agradecer, então aos amigos de longa data e àqueles que fizeram ou fazem parte da minha vida em qualquer momento e instância, deixo aqui o meu muito obrigado!

Viçosa, 28 de outubro de 2015.

Sumário

1 Introdução.....	6
2 Metodologia.....	12
3 Referencial Teórico.....	16
4 O CPCD e o projeto Ser Criança.....	23
4.1 O CPCD e seus métodos.....	23
4.2 O projeto Ser Criança.....	31
5 Resultados e Discussão.....	41
5.1 Caracterização da Pesquisa.....	41
5.2 Análise dos dados.....	42
6 Conclusões e Limitações.....	51
6.1 Conclusões.....	51
6.2 Limitações.....	52
7 Referências.....	54
8 Apêndices.....	56
8.1 Questionário aplicado aos educadores.....	56

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo investigar como o projeto “Ser Criança” contribui para a formação humana e cidadã das crianças envolvidas. O projeto acontece na cidade de Araçuaí, Minas Gerais, e recebe crianças entre 6 e 14 anos de idade, no período do seu contra-turno escolar. Foi realizada uma pesquisa, de caráter qualitativo, tendo como fonte de dados, questionários com questões abertas, enviados aos educadores que atuam no projeto, além de pesquisas bibliográficas, informações disponibilizadas no site do projeto, e conteúdo audiovisual. A análise de conteúdo foi feita via categorização por grade mista que segundo Bardin (1977), trata os dados coletados a partir de unidades de análise relativizadas sob palavras chave e/ou subtemas. A obra de Paulo Freire foi fundamental para essa pesquisa, já que as práticas desenvolvidas parecem ter relação com a ideia de “método de aprendizagem” proposto por Freire (1987), o método é também uma das bases da “pedagogia do oprimido”, e um instrumento para a sua libertação. Observamos que o projeto gera impacto social não só nas crianças envolvidas, como também em suas famílias e comunidade. Ele possibilita construção coletiva, resgata o protagonismo dos envolvidos, influi na criatividade e incentiva a cultura e a arte por meio de projetos paralelos, como é o caso do Coral Meninos de Araçuaí. Além disso, auxilia na organização de cooperativas populares voltadas para a geração de renda e atua na restauração de espaços públicos. Acredito que esse trabalho possa contribuir também no estudo referente à práxis de métodos educacionais baseados nas ideias de Freire.

Palavras-chave: Projeto Ser Criança. Educação. Prática educativa

Abstract

This work aims to investigate how the project "Ser Criança" contribute to the development the children involved, as humans and citizens. The project takes place in the city of Araçuaí, Minas Gerais, and welcomes children between 6 and 14 years old, in the period of their school counter turn. A qualitative survey was conducted, having as a source of data, questionnaires with open questions, sent to educators who work on the project, as well as bibliographic research, information available on the project website, and audiovisual content. The content analysis was made via categorization by mixed grid that according to Bardin (1977), treats the data collected from relativized analysis units under key words and / or sub-themes. The work of Paulo Freire was fundamental during this research, since the practices appear to be related to the idea of "learning method" proposed by Freire (1987), the method is also one of the bases of the "pedagogy of the oppressed", and an instrument for the oppressed release. We observed that the project generates social impact not only for the children involved, but also on their families and community. It enables collective construction, rescues the role of those involved, influences the creativity and encourages culture and art through side projects, such as the Coral Meninos de Araçuaí. In addition, it assists in the organization of popular cooperatives aimed at income generation and operates in restoring public spaces. I believe that this work can also contribute in the study related to the practice of educational methods based on Freire's ideas.

Key-words: Project Ser Criança. Education. Educational practice

Introdução

Durante minha trajetória na Universidade Federal de Viçosa (UFV) como estudante do curso de graduação em Ciências Sociais, tive a oportunidade de observar e participar de discussões acerca de questões sociais, políticas e econômicas norteadas pelas ideologias de grupos e/ou indivíduos das mais variadas áreas. Nos momentos em que eu mesmo não estava defendendo algum conceito mal compreendido, observava meio atônito os debatedores e o seu – e meu – anseio pela fala, por estar em foco, por mostrar o que sabemos, citando autores – literalmente – em meio a corriqueiras conversas, inclusive as de botequim. Tínhamos muito a dizer, pouca disponibilidade para ouvir e uma grande dificuldade em lidar com o discordante.

Lidamos com a oposição a todo momento e em várias instâncias. Ora, vivemos em sociedades altamente diversas e extremamente complexas, é muito provável que nos deparemos com um leque de situações das quais discordamos diariamente. Em alguns momentos essas situações podem tornar-se complicadas, imagine se adicionarmos ao contexto, grupos ideologicamente opostos, compostos por estudantes de Ciências Sociais! Por se tratar de um curso em que as questões sociais e políticas ficam em evidência e que o apelo ideológico entre os estudantes tende a ser mais forte, nossos debates eram geralmente mais “inflamados”.

Com o tempo as exaltações dos discursos tendem a se intensificar e, dessa forma o debate “saudável” pode se transformar em um embate ideológico, no qual o escambo de ideias passa a dar lugar aos “discursos de ódio” entre grupos de ideologias opostas. Se há ódio, não há diálogo e sem diálogo não se pode produzir educação; sobram as tentativas violentas de convencimento por parte daquele que “não pode entender que permanecer é buscar ser, com os outros. É con-viver, simpatizar. Nunca sobrepor-se, nem sequer justapor-se aos educandos, des-simpatizar. Não há permanência na hipertrofia” (FREIRE, 1987, p. 37).

Chamo a atenção para o instrumento doutrinário de tal violência: o “constrangimento”. Minha abordagem do “constrangimento” surge para ilustrar o momento em que um indivíduo tenta convencer o seu opositor ideológico de que o seu ponto de vista é mais válido (ou verdadeiro e unicamente aceitável) e até mais digno do que o do outro. Para convencê-lo definitivamente disso, é preciso sugerir que o indivíduo não possui a capacidade de entendimento necessária para estar do lado dos

que as possuem, colocando, assim, em xeque o que parece ser a utilidade principal de um debate: expor, ouvir, avaliar e, se necessário, repensar suas opiniões. Diante dessa situação opressora, o indivíduo inferiorizado busca as saídas mais próximas para superar aquela situação de constrangimento: a imediata aceitação de uma nova “verdade” e/ou o desestímulo/desinteresse pelo debate, o que nos dois casos é prejudicial; pode influir, também, no que deveria ser um debate “saudável” e multi-ideológico, além de minar o interesse do oprimido de participar de novos debates expressando o seu ponto de vista.

A partir dessa observação, passei a questionar a abrangência desse tipo de pedagogia: uma forma de ensinar transvestida de debate que vê no constrangimento o seu principal instrumento educador. Essa parece ser uma prática que vai na contramão de um ideal democrático. Faz-me lembrar o tempo em que ainda criança, estive matriculado no antigo ensino fundamental e médio que deu lugar a um processo de escolarização baseado em ciclos. Barretto e Mitrulis (1999, p.28) explicam que

[...] os ciclos compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, organizados em blocos que variam de dois a cinco anos de duração. Colocam em cheque a organização da escolaridade em graus e representam uma tentativa de superar a excessiva fragmentação e desarticulação do currículo durante o processo de escolarização. A ordenação do conhecimento se faz em unidades de tempo maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com clientela de diferentes procedências e estilos ou ritmos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de aprendizagem postas para o período.

Em virtude dessa mudança de metodologia, as escolas estão a salvo da pedagogia do constrangimento? O sistema de ensino atual é um agente facilitador para que as crianças possam lidar com as diferenças de forma mais natural? Como é possível formar um indivíduo apto a gozar dos seus direitos como cidadão inserido em uma sociedade democrática por meio de práticas pedagógicas pouco ou até nada democráticas dentro das escolas?

Essas indagações me despertaram o interesse por projetos de educação que desviassem o eixo escolar com o qual estamos acostumados, e que ao mesmo tempo trouxessem elementos que pudessem auxiliar os envolvidos a lidar com o multiculturalismo, as diferenças de opiniões e com a sua cidadania em um contexto

democrático. Meu interesse estava voltado para iniciativas que fugissem daquele padrão de salas de aula com carteiras dispostas em fileiras, um quadro negro ou até uma projeção para apresentar o conteúdo servindo de palco para o monólogo do educador. Este, por sua vez, limita-se a depositar verdades indubitáveis na memória dos seus espectadores, no caso, os estudantes.

O processo ensino-aprendizagem tem sofrido diversas mudanças ao longo dos anos. Teorias, linhas de análise e discussões sobre a temática, parecem estar norteando toda a estrutura escolar contemporânea. Entretanto, parece que as indagações em relação a projetos de educação, se apresentam cada vez mais contundentes neste contexto. Foi assim que descobri a ferramenta intitulada como “pedagogia da roda”.

No final do ano de 2013, também como estudante do curso de “canto” na Universidade de Música Popular - Bituca, situada em Barbacena, Minas Gerais, e por meio de uma conversa com um de seus membros, soube da existência de um projeto que acontece no norte de Minas Gerais. Baseado na “pedagogia da roda”¹, o projeto foca na formação artística e cidadã de crianças durante o contra-turno escolar. Uma de suas bases está em praticar o respeito e o diálogo entre todos que participam do projeto. Fiquei muito curioso para ter mais informações. Logo, pesquisei na internet e consegui o contato da coordenação do projeto em Araçuaí.

A partir das informações que obtive escolhi o meu universo de estudo: O Projeto “Ser Criança”, o qual consistia em um dos projetos realizados pelo Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), desenvolvido no Vale do Jequitinhonha, na cidade de Araçuaí, Minas Gerais. Baseia-se na inserção integral na vida das crianças: as situações do seu cotidiano são vistas como conteúdos educacionais; os espaços comunitários são transformados em “espaços de aprendizagem” e as escolas em “centros de cultura comunitária”; as pessoas que possuem relação com o cotidiano da criança são consideradas “educadoras”; sua regra geral é o respeito às diferenças e às singularidades de cada um. O projeto contempla as cidades de Itapecuru Mirim, no Maranhão; e Araçuaí, em Minas Gerais.

De acordo com a descrição apresentada no site² do projeto,

¹ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 11 março de 2015.

² Em <<http://www.cpcd.org.br/ser-crianca>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2015.

[...] estudar brincando, plantar e comer, conversar e aprender, jogar e cantar, criar e ensinar, pintar e limpar, fazer e reciclar, dançar e sonhar, ser e ousar, respeitar e crer, rir e cuidar-se, são alguns dos muitos verbos praticados no dia-a-dia deste projeto por centenas de meninos e meninas, em horários complementares à escola formal e em espaços comunitários repletos de alegria, prazer e generosidade. Buscando cuidar dessa fase importante da vida, este projeto implementa ações educativas e de formação humana, provocando uma interferência positiva e modificadora na vida das crianças e adolescentes participantes.

A proposta me chamou a atenção, pois se era possível trabalhar dessa maneira com as crianças eu gostaria muito de conhecê-las, observar como se portariam, conversar com elas... Alguns meses depois, durante uma das aulas de canto, recebemos a visita na “Bituca” do “Coral Meninos de Araçuaí³” que viera ensaiar com o “Grupo Ponto de Partida⁴” para uma turnê que fariam juntos pelo Brasil. Durante o intervalo da aula, avistei cerca de trinta meninos e meninas caminhando tranquilamente pelo corredor que dá acesso à escola. Pareciam animados e satisfeitos por estarem ali, e aproveitavam para cumprimentar a todos enquanto passavam. As crianças conversavam com os conhecidos e caminhavam entre os vários alunos da escola sem aparentar constrangimento, tudo com muita naturalidade, inclusive, quando estavam em posição de destaque, como em um palco cheio de espectadores a fitá-los.

No fim, não pareceu que seria tão difícil organizar todas aquelas crianças para realizar ensaios longos e cansativos. A educadora - a mesma com quem posteriormente fiz o primeiro contato na instituição - que havia vindo de Araçuaí junto com eles, não parecia estar muito preocupada em “mantê-los sob controle”, organizados e enfileirados para que “marchassem” até o salão de ensaio. Eles pareciam estar tão conscientes dos seus compromissos e responsabilidades para com a “Bituca” que não sobrou tempo para se sentirem acanhados, como crianças em ambiente de “gente grande”. Lá, eles se misturavam, eram músicos em ambiente de músicos.

³ O CPCD realiza vários projetos em Araçuaí que parecem funcionar como “braços” do projeto “Ser Criança”, o coral é um deles. Em <<http://www.cpcd.org.br/meninos-de-aracuai>>. Acesso em: 01 de agosto de 2015.

⁴ Em <<http://www.grupopontodepartida.com.br>>. Acesso em: 01 de agosto de 2015.

Imagem 01 – Ensaio do Coral Meninos de Araçuaí na Bituca.



Fonte: Acervo de fotos do Coral Meninos de Araçuaí.

De acordo com o site do projeto “Ser Criança”, uma das ferramentas utilizadas nas suas atividades diárias é a “pedagogia da roda” já comentada. Nela, “não tem seleção, não tem exclusão, não tem vitória da maioria. A roda constrói uma pauta, estabelece um processo, uma avaliação e faz a memória. Ela pensa, age e volta. Foi um jeito de praticar Paulo Freire⁵”.

Freire dedicou toda a sua carreira na tentativa de oferecer meios para transformar a realidade da educação brasileira. Ele é considerado mundialmente como um dos pensadores mais notáveis das áreas da Educação e Pedagogia. Suas ideias são atuais e suas obras amplamente difundidas, tanto na academia quanto fora dela.

Parte das críticas às suas obras se embasam na aparente dificuldade de aplicar seus métodos no ensino, é justamente nesse ponto em que este trabalho se justifica: o projeto “Ser Criança” pode ser considerado também como “um jeito de praticar Paulo Freire”? Sendo assim, este trabalho pode contribuir para compreender de que forma as

⁵ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

ideias de Freire podem ser aplicadas na educação, em ambientes não escolares, com foco em um tipo de formação mais humana e cidadã.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é investigar, sob o ponto de vista dos educadores do projeto “Ser Criança”, como ele contribui para a formação humana e cidadã dessas crianças. Esse trabalho pretende coletar e agrupar informações que possam colaborar com a compreensão deste projeto. Para isso utilizou-se como fonte de informações, pesquisas *on-line*, bibliográficas e questionários abertos direcionados aos educadores envolvidos. Desta maneira, acredito que foi possível conhecer melhor tanto os educadores e sua inserção no projeto quanto as atividades desenvolvidas no mesmo.

Este trabalho está estruturado sob 6 capítulos, sendo este a introdução que busca contextualizar o leitor a respeito da temática abordada; em seguida o capítulo de metodologia que apresenta as técnicas utilizadas para aquisição e análise dos dados; posteriormente, apresenta-se o referencial teórico, que aborda uma análise freireana do projeto; em seguida, um capítulo específico sobre o projeto e sua estrutura; como capítulo 5, apresentam-se os resultados e discussão, encerrando o trabalho com a conclusão, abordando os pontos positivos e as limitações do trabalho.

2 Metodologia

O interesse em conhecer melhor o projeto “Ser Criança” e seus participantes, muito influenciou no planejamento dessa pesquisa. A ideia inicial era realizar um estudo de caso de caráter etnográfico: ir até a cidade de Araçuaí, conhecer a sede do projeto Ser Criança, passar alguns dias praticando a observação participante, realizar entrevistas, fotografar e se possível até registrar em vídeo e áudio alguns depoimentos.

Durante alguns meses tentei agendar a visita, mas acabei ficando limitado por alguns obstáculos, tais como: a distância geográfica de onde acontece o projeto; a disponibilidade dos educadores em me receber, visto que, estes estavam em período de planejamento do seu calendário anual de atividades. Sendo assim, não foi possível conciliar uma data em que fosse possível realizar todas as atividades propostas no parágrafo acima, considerando o prazo que eu tinha para concluir o trabalho.

De acordo com Goldenberg (2004, p.13), “nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas”. Dessa forma, decidi que uma mudança de estratégia para a coleta de dados seria imprescindível para viabilizar a pesquisa já que “os cientistas sociais podem e devem improvisar soluções para seus problemas de pesquisa, sentindo-se livres para inventar os métodos capazes de responder às suas questões” (GOLDENBERG, 2004, p. 57).

A priori o estudo consistiu em pesquisa de caráter bibliográfico, de acordo com Gil (2007, p.44),

[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos com o intuito de compreender conceitos, justificar o tema abordado comprovando em bases teóricas sua relevância e contribuição.

Esta pesquisa, então, foi conduzida enquanto uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, tendo como fonte de dados primários, as pesquisas bibliográficas e de conteúdo disponível na *internet*. Usei ainda como instrumento de coleta de dados um questionário composto por questões abertas. De acordo com Bogdan e Biklen (1999, p.51),

[...] os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles

experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem.

A pesquisa foi caracterizada enquanto exploratória, já que segundo Gil (2007, p.45) este tipo de pesquisa “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses.”

Os dados secundários abordados nessa pesquisa foram coletados e discutidos a partir das informações disponíveis no site oficial do CPCD, como também de um livro intitulado “Volta ao mundo em 13 escolas: Sinais do futuro no presente” de autoria de André Gravatá, Camila Piza, Carla Mayumi e Eduardo Shimahara (2013), que juntos assinam como “Coletivo Educação”. O livro surgiu do interesse dos seus membros por iniciativas inovadoras de educação, porém, ao invés de uma tese acadêmica, os autores optaram por escrevê-lo sob a forma de um livro-reportagem⁶.

Para a obtenção dos dados organizei a proposta mencionada no início desta seção: Ir *in loco* e realizar várias técnicas para a coleta. Todavia, como isso não foi possível, precisei realizar a coleta à distância. Desta maneira, eu precisaria utilizar um instrumento prático e de fácil acesso. Elaborei um questionário com questões abertas (apêndice 1, p.56) em formato digital e posteriormente criei um formulário on-line utilizando uma ferramenta gratuita do *Google*⁷. Este poderia ser facilmente acessado e respondido por meio de um link. Depois de trocar e-mails e telefonemas com uma das coordenadoras do projeto, consegui os endereços de e-mail dos educadores e enviei o questionário anexado a um texto convidativo e explicativo. Enviei também o link do formulário, para que os educadores pudessem escolher a forma que lhes fosse mais fácil de respondê-lo, caso desejassem participar da pesquisa.

De acordo com Gil (1999, *apud* CHAER, DINIZ e RIBEIRO, 2011, p.260), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo

⁶ André Gravatá é jornalista, escritor e ex-aluno de escola pública; Camila Piza é psicóloga especializada em mediação de conflitos; Carla Mayumi é mãe de dois filhos, empreendedora e ativista em educação; Eduardo Shimahara é engenheiro mecânico que mudou de rumos e tornou-se educador. Mais informações sobre o material podem ser encontradas no site do “Coletivo Educação”. Em <<http://educ-acao.com>>. Acesso em: 01 de outubro de 2015.

⁷ Em <<http://www.google.com/forms>>. Acesso em: 22 de março de 2015.

por objetivo conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Goldenberg (2004) lista as principais vantagens de se utilizar o questionário como instrumento de pesquisa: menos dispendioso, possibilita uniformidade para mensuração, possui liberdade para os pesquisados expressarem suas respostas, e ainda pode ser uma ferramenta aplicada à distância, por meio de correio e/ou meios eletrônicos, por exemplo.

Dessa forma, o questionário se apresentou bastante oportuno no momento em que o meu deslocamento até a cidade para realizar outras técnicas de coleta não foi possível. O questionário aplicado foi elaborado a partir de sete questões abertas, as quais buscavam contemplar e responder ao objetivo geral deste trabalho: compreender como o projeto “Ser Criança” contribui – e se contribui - para a formação humana e cidadã das crianças envolvidas.

Solicitei a uma das coordenadoras o contato dos educadores que trabalham com o projeto, depois de algum tempo, recebi o endereço de e-mail de 9 deles. Enviei o convite junto ao questionário por e-mail a todos estes. Dois e-mails retornaram automaticamente e não foi possível contato com essas pessoas de outra maneira. Dos sete que restaram, obtive cinco respostas. Nenhum participante optou por utilizar o link também disponibilizado para responder o formulário, já que todos eles optaram pela resposta por meio do arquivo digital enviado.

Apesar de não ter sido possível a coleta de dados com todos os participantes dos quais eu obtive o contato, acredito que a análise não tenha ficado comprometida, já que consegui pesquisar a maioria destes. Malhotra (2006, p.155) corrobora esta opinião quando afirma que “a pesquisa qualitativa é uma metodologia de pesquisa não-estruturada e exploratória baseada em pequenas amostras que proporciona percepções e compreensão do contexto do problema.”

A partir dos dados conduzi uma análise de conteúdo, via categorização por grade mista⁸, onde as temáticas trabalhadas foram eleitas tanto a partir de dados teóricos quanto a partir dos discursos dos pesquisados. A análise de conteúdo é importante pois,

⁸ De acordo com Bardin (1977), na categorização por grande mista, elege-se parte das categorias de análise baseadas no material teórico do assunto, havendo a liberdade para que novas categorias possam ser eleitas no momento da análise, a partir dos próprios dados. Isso possibilita que nenhuma temática relevante seja excluída da análise, mesmo que não tenha sido abordada no material teórico.

segundo Bardin (1977), representa um conjunto de técnicas em que se trata os dados coletados, e o que está sendo dito a respeito de determinado assunto, a partir de unidades de análise, que seja, o elemento básico de análise, relativizada sob palavras chave e/ou à proposições sobre determinado assunto. Nesta análise, há a necessidade de decodificação do material e esta foi feita a partir das temáticas: Projeto Ser Criança, Participantes/Envolvidos/Afetados, e Vivência. Procurei trabalhar no material teórico deste trabalho e, ainda, deixar espaço para novas temáticas que poderiam surgir durante a análise dos dados.

Os resultados estão apresentados no capítulo 5 sob a forma de temáticas.

3 Referencial Teórico

Nesse capítulo tratarei de expor algumas das ideias de Paulo Freire. Paulo Reglus Neves Freire, nasceu no dia 19 de setembro de 1921 em Recife, Pernambuco. Filho de um oficial da Polícia Militar e de uma zelosa dona de casa, residiu em Recife até os 8 anos de idade. A crise de 1929 afetou a economia mundial, o Brasil não esteve fora dos seus impactos negativos, de forma que ela repercutiu também na família de Freire. Assim, eles tiveram que se mudar para Jaboatão, município vizinho à cidade de Recife. Lá ele perdeu o pai e vivenciou a pobreza: “Em Jaboatão me tornei homem, graças a dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero” (BARRETO, 1998, p.19).

Ainda em Jaboatão, ele completou o curso primário. Para dar continuidade aos estudos, o menino Freire precisaria ir até Recife e encontrar uma escola que não fosse paga. Sua mãe, conseguiu para ele uma bolsa no Colégio Oswaldo Cruz, e de lá ele só saiu para cursar direito na Universidade do Recife.

Formou-se advogado, mas abandonou a carreira antes mesmo de começá-la. Foi trabalhar no SESI (Serviço Social da Indústria), de acordo com Barreto (1998, p.25),

[...] os dez anos que passou nesta instituição foram tão importantes para a sua formação pedagógica que ele se referia a este período como “tempo fundante”, porque via nele o começo de sua compreensão do pensamento, da linguagem e aprendizagem dos grupos populares.

Na convivência diária com diretores e professores de escolas primárias, participantes e coordenadores de projetos, durante o trabalho no SESI, Freire aprendeu a diferença entre falar “com alguém” e falar “para alguém” (BARRETO, 1998).

Até então, Freire já era conhecido em Recife como educador. Em 1959, tornou-se professor de História e Filosofia da Educação no curso de Professorado de Desenho da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife. Em 1960, engajou-se em um movimento de divulgação cultural de caráter autônomo, o MCP, Movimento de Cultura Popular de Pernambuco. Durante esse período, Paulo teve a oportunidade de trabalhar com a alfabetização de adultos, sua pedagogia aplicada á alfabetização, chamada por ele de “conscientização”, provocou a aversão das classes dominantes, aversão essa que, de acordo com Barreto (1998, p. 29), Freire respondeu assim:

É que às classes dominantes não importava que eu não tivesse um rótulo porque elas me dava um. Para elas eu era comunista, inimigo de Deus e delas. E não importava que eu não fosse. Perfila quem tem poder. Quem não tem é perfilado. A classe dominante tinha poder suficiente para dizer que eu era comunista. É claro que havia um mínimo de condições objetivas para que eles pudessem fazer estas acusações. A fundamentação básica para que eu fosse chamado comunista eu dava. Eu pregava uma pedagogia desveladora das injustiças; desocultadora da mentira ideológica. Dizia que o trabalhador, enquanto educando, tinha o dever de brigar pelo direito de participar da escolha dos conteúdos ensinados a ele. Eu defendia uma pedagogia democrática que partia das ansiedades, dos desejos, dos sonhos, das carências das classes populares.

Com o golpe de 64, o Freire comunista foi exilado. Uma passagem rápida pela Bolívia, até conseguir asilo no Chile, que ainda comemorava a vitória da sua socialdemocracia. Lá, Paulo viveu com sua família durante 16 anos. Nesse tempo, teve a oportunidade de vivenciar de fato a América Latina. Trabalhou no Instituto de Capacitação e Investigação da Reforma Agrária, o ICIRA, e logo depois publicou o *Manual del Método Psico-Social para la Enseñanza de Adultos*, uma adaptação de suas ideias e métodos para a alfabetização em espanhol. Ainda no Chile, Freire escreveu a sua obra mais famosa: *Pedagogia do Oprimido*. Hoje o livro está disponível em mais de 30 idiomas (BARRETO, 1998).

A partir daí, Paulo Freire tornou-se mundialmente conhecido. Atuou na Universidade Harvard, nos Estados Unidos; no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, na Suíça; Colaborou com diversos trabalhos pela América Central, Ásia, África e Oceania (BARRETO, 1998).

Em relação às suas obras, a problemática da opressão sempre esteve presente, Freire procurou se posicionar rumo à libertação dos oprimidos tanto em suas publicações, quanto em debates e entrevistas que participou durante a sua trajetória. Até aqui, observamos que essa preocupação do autor com os oprimidos tenha partido da sua experiência pessoal, já que segundo Freire,

[...] fui un niño de la clase media que sufrió el impacto de la crisis del 29 y que tuvo hambre [...] Yo sé lo que es no comer, no sólo cualitativa sino cuantitativamente [...] me empapé de vida y existencia, entendí a los hombres desde los niños (NOVOA, 1986, p.18).

Na introdução desse trabalho apresentei ao leitor a ideia do convencimento por meio do “constrangimento” relacionando-a ao momento em que se tenta ensinar por meio da imposição. Associo esse conceito à “pedagogia do oprimido”, uma das principais temáticas abordadas por Freire.

A fim de lidar com o “constrangimento”, fruto de alguma prática de educação impositiva, o autor critica o método de ensino predominantemente aplicado nas escolas brasileiras. Trata-se da “educação bancária”, conceito desenvolvido por Freire (1987, p.33) no qual “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”.

De acordo com Freire, toda prática de educação deve ter no diálogo a sua base. Diálogo de fato, que remete ao coletivo, à interatividade; aprender pode ser em via de mão-dupla, favorecendo a troca de saberes e experiências aos envolvidos, educadores e alunos. A ato de aprender não deve ser passivo, destinado exclusivamente à contraparte de quem ensina. A aprendizagem precisa ser ativa, participativa, emancipatória e multidirecional.

Por isso, de acordo com Ernane Maria Fiori, no prefácio de Pedagogia do oprimido, a proposta de Freire é,

[...] fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. [...] Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, super-estruturais, ou inter-estruturais, contradições que impelem o homem a ir adiante. (1987, p.11)

Antes de tudo, segundo Freire (1987), é preciso superar a oposição opressores-oprimidos. Cedo ou tarde o oprimido poderá se rebelar contra quem condicionou a sua inferioridade. Mas, para que essa luta faça sentido, o oprimido não pode agir como opressor do seu opressor: é preciso restaurar a humanidade em ambos. “E aí está a grande tarefa humanista dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores” (1987, p.16-17).

Ora, não poderia ser diferente, se o instrumento que o oprimido conhece é a opressão, “a estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se formam” (FREIRE, 1987, p.17). Ao se

reconhecerem como seres oprimidos, eles caem no trágico dilema dos oprimidos: escolher

[...] entre expulsarem ou não ao opressor de dentro de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem espectadores ou atores. Entre atuarem ou ter a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores (FREIRE, 1987, p.19).

O resultado dessa superação não será ainda um homem livre, mas sim um homem libertando-se ou em processo de libertação. É exatamente nesse sentido que surge a “pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí” (FREIRE, 1987, p.22).

Freire (1987) lembra que não pode haver pedagogia qualquer de caráter realmente libertador que seja feita para os oprimidos, à distância e em caráter humanitário. Ou seja, o oprimido não pode ser objeto de tratamentos humanitaristas, partindo de interesses egoístas dos opressores, rumo à sua promoção. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.29).

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. [...] Educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também no de recriar este conhecimento (FREIRE, 1987, p.31).

Um dos instrumentos de opressão apresentados pelo autor é a “educação bancária”, já citada anteriormente. Apresentar a concepção de educação bancária e sua crítica me parece fundamental neste trabalho, uma vez que um dos objetos de análise desse estudo é o projeto “Ser Criança” que utiliza nas suas práticas de educação métodos que se distanciam da ideia de ensino tradicional.

De acordo com Manfredi (1993, p.2), o ensino tradicional pode ser caracterizado “como um conjunto padronizado de procedimentos destinados a transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado”, ou seja, ele representa a pedagogia mais engessada possível, onde os métodos são dados previamente e fechados para qualquer debate acerca da sua epistemologia. Da mesma forma, a “educação bancária”,

introduzida por Freire, não permite aos envolvidos pensar, debater, reavaliar, modificar seus métodos e conteúdo, ela é em essência prescritiva.

Assim, o educador mantém invariável a sua posição de único detentor do saber, de forma que, resta aos educandos, serem aqueles que nada sabem. “A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca” (FREIRE, 1987, p.34). É como se os estudantes fossem simples depósitos de informações, que não podem – e não devem, de acordo com a lógica da educação tradicional – selecionar, modificar e/ou até se desfazer das informações que foram depositadas até então. “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele” (FREIRE, 1987, p.34).

Associada à concepção de “educação bancária”, Freire ainda critica os educadores pela grande quantidade de leituras exigidas dos educandos,

[...] creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores em que os estudantes leiam, num semestre, um sem-número, de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. [...] A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita (FREIRE, 1989, p.12).

É importante lembrar que, apesar de a maioria das escolas brasileiras ainda insistirem no ensino tradicional a pedagogia de Paulo Freire já influencia – mesmo que a passos curtos – a práxis da educação brasileira. De acordo com Francisco C. Weffort, no prefácio do livro Educação como prática da liberdade,

[...] uma pedagogia da liberdade pode ajudar uma política popular, pois a conscientização significa abertura à compreensão das estruturas sociais como modos de dominação e violência [...]. A experiência brasileira nos sugere algumas lições curiosas, às vezes até surpreendentes em política e educação popular. Foi-nos possível esboçar, através do trabalho de Freire, as bases de uma verdadeira pedagogia democrática. Foi-nos possível, além disso, começarmos, com o movimento de educação popular, uma prática educativa voltada de modo autêntico, para a libertação das classes populares (1984, p.15-25).

A superação da “educação bancária” está nos processos de educação-libertação onde opressores e oprimidos – ou educadores e educandos – colocam-se como sujeitos,

“superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador bancário, supera também a falsa consciência do mundo. Nenhuma ordem opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: Por quê?” (FREIRE, 1978, p.43). A ação educativa precisa levar em conta o conhecimento e a visão de mundo dos educandos, e não colocá-los sob a doutrina das percepções do educador.

Dessa forma, a “educação bancária”, utilizada nas escolas brasileiras, foge a um ideal democrático. Sendo assim, questiono: De que forma um sistema de mão única, que visa o depósito e arquivamento de informações, pode beneficiar o diálogo entre os envolvidos? O educando recebe todas as informações que o educador julga necessárias à sua formação, sem direito a contestar, debater, ou compartilhar sua própria experiência. Será possível educar as crianças por meio da “educação bancária” de forma a prepará-las para uma sociedade democrática, aptas exercer a sua cidadania? Freire (1987, p.76) acha que não, já que “o diálogo, como encontro dos homens para a ‘pronúncia’ do mundo, é uma condição fundamental para a sua real humanização”.

Para que haja diálogo, antes de tudo, é preciso que o educador saiba escutar, pois, somente por meio da escuta paciente é possível de fato falar com o educando

[...] mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto do seu discurso. O educador de escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 1996, p.43).

Segundo Freire é fundamental que os educadores compreendam que toda formação precisa ser mútua, ou seja, formação com os educandos e não para eles. Assim, “é preciso que, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p.12).

Já que, de acordo com Bauman (2013, p.9), “a mistura de inspirações culturais é fonte de enriquecimento e motor da criatividade”, levar em conta os saberes dos educandos é fundamental para a introdução de uma metodologia de aprendizagem, como indaga Freire (1996, p.15):

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.

Para ensinar é preciso pesquisar, conhecer a realidade que cerca o educador, levar em conta as potencialidades das comunidades e principalmente executar a “rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 1996, p.17). Outro ponto fundamental se expressa no exercício da crítica sobre a prática de ensino, há a necessidade de planejamento, acompanhamento e avaliação das práticas, de forma que possíveis mudanças de rumo sejam avaliadas e implementadas. “A prática docente crítica, implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.17).

De acordo com as temáticas abordadas nesse capítulo, podemos compreender o método de aprendizagem proposto por Freire como uma forma de emancipação de todos os envolvidos no processo de educação, sejam educadores ou educandos. O método com o qual o autor nos presenteia é gentil, humano, e por que não dizer respeitoso? Ele não chega nas comunidades com processos previamente estabelecidos e os aplica, ao contrário, ele se baseia na escuta da comunidade e dos envolvidos para a partir do conhecimento adquirido, calcar o seu planejamento, desenvolvimento e acompanhamento *in loco* suas práticas pedagógicas.

Considerando o as práticas educativas do projeto “Ser Criança” e seu contexto, posso concluir que não há outro referencial mais apropriado ao tema do que as ideias de Paulo Freire.

4 O CPCD e o Projeto Ser Criança

Este capítulo destina-se à apresentação e discussão dos dados coletados por meio de pesquisa documental e na *internet*, ou seja, o capítulo terá como foco conhecer o CPCD e o projeto “Ser Criança” por meio das informações contidas no site da ONG e no livro “Volta ao mundo em 13 escolas” já mencionado anteriormente.

4.1 O CPDC e seus métodos

Fundado em 1984 pelo antropólogo e educador Tião Rocha, em Belo Horizonte, Minas Gerais, o CPCD é uma ONG⁹ sem fins lucrativos e de utilidade pública, vinculada ao 3º Setor (de natureza privada e função social pública). Seu principal foco de atuação está nas “áreas de Educação Popular de Qualidade e Desenvolvimento Comunitário Sustentável, tendo a Cultura como matéria prima e instrumento de trabalho, pedagógico e institucional”¹⁰.

De acordo com o site da ONG,

O CPCD se dedica à implementação e realização de projetos inovadores, programas integrados e plataformas de transformação social e desenvolvimento sustentável, destinados, preferencialmente, às comunidades e cidades brasileiras com menos de 50 mil habitantes onde vivem mais de 95% da população brasileira. O CPCD pretende se tornar uma referência regional e nacional na construção de Cidades Educativas e implementação de Cidades Sustentáveis, contribuindo de forma substantiva para a consolidação dos princípios éticos, de transparência, justiça e equidade social, valorizando a diversidade cultural brasileira. A convicção de que “Educação é algo que só ocorre no plural” e que “Desenvolvimento é geração de oportunidades”, forneceu a base para a formulação de metodologias e tecnologias sociais inovadoras¹¹.

O CPCD é considerado pelo seu fundador como uma organização de aprendizagem. “Hoje, o centro é presidido por Tião, e conta com uma equipe de 86 pessoas, que realiza inúmeros projetos ao mesmo tempo voltados a crianças, jovens e adultos, com foco no desenvolvimento de comunidades” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.66).

⁹ Organização Não Governamental.

¹⁰ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/historico>>. Acesso em: 12 de março de 2015.

¹¹ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/historico>>. Acesso em: 12 de março de 2015.

No site há uma seção que apresenta essas tecnologias sociais. Trata-se de metodologias de acompanhamento e avaliação de aprendizados de forma sistematizada, desenvolvidas pelo CPCD desde 1995, são elas: os Planos de Trabalho e Avaliação (PTA), os Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais (IQPS) e o Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem (MPRA).

O PTA é apresentado como um sistema lógico, um agregado de procedimentos que visam

[...] (1) a tradução dos objetivos específicos-e-conceituais em objetos operacionais-e-concretos, dissecados em suas dimensões, clareando as metas a serem permanentemente atingidas; (2) a definição dos diversos público-alvo e protagonistas do projeto; (3) a organização das perguntas importantes em função das metas; (4) o planejamento das atividades e instrumentos de ação em função das perguntas; (5) a definição dos indicadores de processo, de impactos e de resultados mensuráveis ao final das ações; e (6) a previsão de tempo, duração e responsabilidades¹².

O IQP surgiu pela necessidade interna de aferir o grau de qualidade dos seus projetos, para além da auto avaliação. Eles são replicáveis, pois podem ser utilizados em outros projetos educacionais ou sociais. Para qualificar e quantificar esses dados o IQP utiliza-se de doze índices: 1. Apropriação - equilíbrio entre o desejado e o alcançado; 2. Coerência - relação teoria/prática; 3. Cooperação - espírito de equipe e solidariedade; 4. Criatividade - inovação e animação/recriação; 5. Dinamismo - capacidade de auto-transformação segundo as necessidades; 6. Eficiência - identidade entre o fim e a necessidade; 7. Estética - referência de beleza, gosto apurado; 8. Felicidade - sentir-se bem com o que temos e somos; 9. Harmonia - respeito mútuo; 10. Oportunidade - possibilidade de opção; 11. Protagonismo - participação nas decisões fundamentais; 12. Transformação - passagem de um estado para outro melhor.

O MPRA é desenvolvido também a partir de necessidades internas de acompanhar os projetos que já estavam em andamento, como se fosse uma espécie de “guia de estradas” que precisa ser consultado constantemente durante a viagem visando a possibilidade de se deparar com bloqueios e impedimentos que dificultem todo o processo e ocasionem mudanças de rumos necessárias para amenizar os impactos negativos dos infortúnios. Para isso, foram formuladas dez perguntas a serem feitas mensalmente a todos os envolvidos no projeto: 1. Quantos iniciaram a atividade e/ou o

¹² Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/tecnologias-sociais>>. Acesso em: 13 de março de 2015.

projeto? Quantos concluíram? 2. Quanto tempo gastamos para realizar a atividade e/ou o módulo previsto? Foi suficiente? 3. Quantos produtos e/ou materiais de apoio e/ou de aprendizagem foram criados? Eles atendem aos objetivos do projeto? 4. O que foi feito que evidencie ou garanta que atingimos os objetivos propostos? 5. Como as atividades foram realizadas: foram lúdicas? Foram inovadoras? Foram educativas? 6. O que pode ser sistematizado? É possível construir uma “teoria do conhecimento”, já? 7. O que necessita ser ainda praticado para alcançar os objetivos propostos? 8. Se o projeto encerrasse hoje, ele estaria longe ou perto dos objetivos propostos? 9. Há necessidade de “correções de rumo”: nas atividades? Na metodologia? 10. O nosso prazer, alegria e vontade em relação ao projeto: aumentaram? Diminuíram? Por quê?

Tecnologias sociais são, em suma, um conjunto de métodos ou instrumentos de baixo custo e fácil aplicabilidade capazes de solucionar algum problema e gerar impacto social. De acordo com Dagnino (2009, p.08)

Segundo a definição mais frequente no Brasil, que é onde o conceito foi gerado, entende-se a Tecnologia Social como compreendendo produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.

Essa definição remete também a correlação de forças e interesses que participam das tecnologias sociais, a diversidade dos envolvidos pode permitir, por exemplo, a interação de propostas de Responsabilidade Social Empresarial com a lógica de construção de uma sociedade socialista. “Essa diversidade talvez explique porque a Tecnologia Social venha sendo tão amplamente difundida no Brasil” (DAGNINO, 2009, p.09). Além das tecnologias sociais adotadas pelo CPCD, é importante apresentar também as suas propostas pedagógicas: Pedagogia da Roda, Pedagogia do Brinquedo, Pedagogia do Sabão, Pedagogia do Abraço e Pedagogia do Copo Cheio. São elas que parecem nortear todos os projetos desenvolvidos pela ONG, inclusive o projeto “Ser Criança”.

De acordo com o site do CPCD,

A pedagogia da roda privilegia o diálogo e a não-exclusão. A matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas – seus saberes, fazeres e querereres – pois educação é algo que só acontece no plural. Cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua

formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário. A Pedagogia da Roda nos ensinou que “um ponto de vista é a vista a partir de um ponto.” Por isso, cada pessoa é única, porque do lugar e da experiência que ela ocupa, seu olhar, visão e perspectiva são também únicos. E aprender a olhar o mundo pelo olhar dos outros, melhora o nosso próprio olhar. Na roda, educadores e educandos, são aprendizes permanentes, pois fortalece as identidades culturais locais, o que se converte em mais solidariedade e espírito comunitário. “A roda roda e rola. A roda roda e para. A roda é o símbolo da parceria. É o espaço onde a conversa rola”¹³.

O site explica que a pedagogia da roda foi útil para combater a evasão, uma vez que a roda é democrática, não tem dono, pertence a um universo onde todos são educadores. Nela “não tem seleção, não tem exclusão, não tem vitória da maioria. A roda constrói uma pauta, estabelece um processo, uma avaliação e faz a memória. Ela pensa, age e volta. Foi um jeito de praticar Paulo Freire¹⁴.”

De acordo com Freire, uma ação política junto aos oprimidos ou uma “ação cultural” rumo a liberdade, apenas reconhece a dependência emocional, produto da situação de dominação dos oprimidos e influência negativamente nas suas visões de mundo, ou seja, nesse caso se utiliza da dependência para criar mais dependência.

Já uma ação libertadora, explica o autor,

[...] pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é a libertação de homens e não de “coisas”. Por isso, se não é autolibertação - ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feita por outros” (FREIRE, p.30, 1994).

A “pedagogia da roda”, como um espaço de autoconstrução, pode se mostrar uma importante ferramenta no sentido de intensificar o questionamento acerca da superação da “educação bancária”, presente nas escolas atuais. Apesar de se tratar de uma técnica utilizada fora da escola, a “pedagogia da roda” pode, aparentemente, ser replicada em qualquer contexto, basta que para isso haja a possibilidade de um diálogo adequado embasado na autoconstrução; um diálogo “com eles” e não “para eles”.

¹³ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

¹⁴ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

Outra proposta pedagógica apresentada pelo CPCD é chamada de “pedagogia do brinquedo” e está fundamentada na prática de aprender e ensinar brincando. É possível ensinar e aprender de forma tão natural a ponto de ir à “escola”, ficar durante algumas horas por lá e praticamente se esquecer que esteve em aulas, distanciando do que imaginamos por padrão quando pensamos em escola: Um ambiente rígido, metódico, “carrancudo”, lugar onde se deposita conhecimento, priorizando o ensino em detrimento á educação!

A “pedagogia do brinquedo” surgiu de um desafio que Tião Rocha apresentou ás crianças: “‘Só comprarei um brinquedo para vocês no dia em que não conseguirem produzir seus próprios brinquedos’ – e nunca ninguém precisou entrar no CPCD com brinquedos de loja.” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.78).

A ideia é fazer com que crianças e educadores se divirtam enquanto aprendem e ensinam, e para isso, o projeto investe na criação de jogos como

[...] a ‘damática’, por exemplo, que surgiu para resolver problema de aprendizado. Hoje temos os bornais de jogos, com mais de 150 jogos diferentes. E a gente podia fazer isso com os recursos disponíveis. E tudo tem que ter pelo menos duas funções. No caso dos brinquedos, eles são aproveitados para o ensino. É muito mais gostoso aprender brincando. O que a gente faz é pensar como o brinquedo pode ser construído e como ele pode ser usado para tornar o aprendizado divertido, encantador”.¹⁵

A frase clássica de Freire (1994, p.39) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” possa ajudar a compreender a importância de trabalhar com a autonomia, a liberdade criativa, o poder de decisão e persuasão, e principalmente, a possibilidade de participar ativamente de espaços de construção, sejam dentro ou fora da escola. Ainda que esteja falando especificamente da criação e desenvolvimento de jogos educativos pelas próprias crianças durante processos educacionais, os envolvidos, provavelmente, estarão se educando mutuamente e produzindo autonomia.

O impacto social dos projetos desenvolvidos pelo CPCD transcende os seus participantes. As comunidades que circundam esses projetos são fundamentais para o seu funcionamento, uma vez que eles são norteados pelo MPRA: Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem e pelo “IPDH: Índice de Potencial de

¹⁵ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

Desenvolvimento Humano, explica Tião, ressaltando que seu foco é naquilo que as pessoas trazem de melhor consigo” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.77). Tião explica que as pessoas se acostumaram a observar o mundo pelo “lado vazio do copo”,

[...] o lado vazio você mede, se chama IDH, Índice de Desenvolvimento Humano. É o lado das carências. Os indicadores geralmente medem o que falta. Pensam na solução de fora para dentro, como se fosse necessário jogar algo no copo. Mas não levam em consideração o que há dentro do copo. (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.76).

Nesse sentido, o CPCD utiliza a “pedagogia do sabão”: trabalha com o “inconsciente coletivo” das pessoas recuperando saberes e práticas tradicionais, aliando-os a novos valores. A ideia é se apropriar e adaptar tecnologias de baixo ou nenhum custo de forma a viabilizar a sua aplicação em qualquer comunidade. Essa pedagogia também trabalha com a possibilidade de emancipação da comunidade envolvida já que “as pessoas deixam de ser consumidoras para se tornar produtoras, fazendo desde sabão caseiro até remédios” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.78).

A prática de produção artesanal do sabão, por exemplo, é resgatada no “saber popular”, adaptada e reintroduzida na comunidade de forma que possa posteriormente ser difundida. Assim como a prática de produção do sabão, que dá nome a essa pedagogia, outras práticas são trabalhadas nesta proposta tornando-as também fonte de renda para a comunidade. São várias as práticas e os saberes resgatados, por exemplo: a produção de doces cristalizados e compotas de frutas nativas da região; objetos de decoração e arte em madeira e cerâmica; produção de bordados; e embalagens e cestas ecológicas. Já são “mais de 2000 tecnologias populares de baixo custo, apropriadas e adaptadas”.¹⁶

Em suma, a pedagogia do sabão

[...] busca a auto sustentabilidade, o desenvolvimento integral e a formação solidária das pessoas envolvidas. Utiliza os saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria-prima de ações pedagógicas, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário.¹⁷

¹⁶ Em <<http://www.cpcd.org.br/fabriquetas/>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

¹⁷ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

A fim de promover o espírito solidário e afetivo nos grupos o CPCD utiliza a “pedagogia do abraço”, ela “envolve atividades como o cafuné pedagógico e a oficina de cafuné, nos quais se debate o tema dos afetos” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.78).

A “pedagogia do abraço” preza pelo investimento na afetividade por meio das palavras, ações, afetos e até cafunés. Essa técnica pode ajudar os envolvidos a ampliarem a sua percepção da diversidade como riqueza, tendo o respeito e o diálogo como os principais instrumentos para lidar com ela. De acordo com o site da ONG, a introdução da “pedagogia do abraço”

[...] dentro dos projetos educacionais, possibilita a melhoria da comunicação e a inclusão social, estimula a participação, a formação da identidade, o fortalecimento da auto-estima, a integração da equipe, a idealização de espaço solidário, a relação de iguais entre pessoas diferentes. Facilita a organização do trabalho e todo o processo de aprendizagem.¹⁸

Finalizando as “pedagogias” descritas no site, apresento a “pedagogia do copo cheio”, trata-se basicamente de realizar uma mudança de foco ao observar uma comunidade ou grupo de indivíduos, prezando pelas suas potencialidades e qualidades, não por suas carências. Foi dessa técnica que surgiu o já citado IPDH – Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano que avalia o que há de bom,

[...] o lado cheio do copo, que é formado pela capacidade de Acolhimento, de Convivência, de Aprendizagem e de Oportunidade de uma comunidade. As iniciais destas palavras – acolhimento, convivência, aprendizagem e oportunidade – formam a palavra ACAO, expressão e palavra-síntese do trabalho a ser desenvolvido.¹⁹

As tecnologias sociais e pedagogias apresentadas aqui parecem convergir num fluxo de informações e ações que norteiam os projetos desenvolvidos pelo CPCD. A “pedagogia do sabão” pode trabalhar com os saberes identificados por meio da “pedagogia do copo cheio” e seu IPDH. Esses últimos, por sua vez, tem por objetivo conhecer e resgatar saberes que podem muito bem ser utilizados pela “pedagogia do brinquedo” e sua manufatura de brinquedos educativos. Esses processos podem ser idealizados e discutidos por meio da “pedagogia da roda” e seu espaço democrático de emancipação pessoal. Na roda é possível discutir um projeto realizado com base no

¹⁸ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

¹⁹ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

PTA e avaliado pelo IPQS e, ao mesmo tempo circundados pela “pedagogia do abraço”, afinal, acredito que um diálogo produtivo inexistente sem respeito às diferenças e afeto verdadeiro.

O CPCD realiza 15 projetos em diversas cidades, são eles: “Casa Saudável”, “Estação Conhecimento”, “Nos Trilhos do Desenvolvimento”, “Projeto Ação”, “Arassussa”, “Cinema Meninos de Araçuaí”, “Meninos de Araçuaí”, “Fabriquetas”, “Fabriquetas de Softwares”, “Raposos Sustentável”, “Sítio Maravilha”, “Criança Violência Zero”, “Vargem Grande Saudável”, “Niño Violência Zero” e o projeto “Ser Criança”, foco deste trabalho.

Atuando em concomitância com o “Ser Criança” na cidade de Araçuaí, MG existem o “Arassussa”, o “Cinema Meninos de Araçuaí”, o “Meninos de Araçuaí”, o “Fabriquetas”, o “Fabriquetas de Softwares” e o “Sítio Maravilha”.

4.2 O projeto “Ser Criança”

O projeto “Ser Criança” acontece nas cidades de Curvelo e Araçuaí, ambas em Minas Gerais. Apesar de ambos serem desenvolvidos nas mesmas bases, parecem autônomos. Nesse trabalho, apresentarei informações mais relacionadas ao projeto “Ser Criança” da cidade de Araçuaí, que foi onde obtive o contato dos educadores.

Araçuaí fica no norte do Estado de Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do estado. Em 2014 sua população era de 37.220²⁰, o clima é predominantemente semiárido, situa-se a 678 quilômetros da capital, Belo Horizonte. O mapa abaixo destaca as cidades de Belo Horizonte, Teófilo Otoni e Araçuaí.

Imagem 02 – Mapa do Estado de Minas Gerais.



Fonte: <http://www.assant.org.br/index_arquivos/image3976.png>. Acesso em: 15 de novembro de 2015.

O projeto “Ser Criança” tem a sua sede em um casarão cedido por uma escola particular. É o espaço em que todas as tecnologias sociais e pedagogias já citadas

²⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativas da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2014. Visitado em 1 de junho de 2015.

convergem: originando projetos paralelos e sub-projetos; aguçando, amparando e reinventando os que já estão em andamento. “Todas as ações estão interconectadas. No CPCD não são criados projetos de curta duração, e as ações desenvolvidas abarcam cidades inteiras” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.66).

No início do projeto, Tião andava de casa em casa com uma pergunta: “O que você sabe fazer para nos ajudar a acabar com o analfabetismo dos meninos?”. As primeiras respostas não variavam tanto: “Não sei nada não, sou fraquinho, também sou analfabeto”. Tião instigava as pessoas: “Não sabem nada, mesmo?”. Ainda intimidada, uma senhora travou o seguinte diálogo: “Ah, Tião, a única coisa que sei fazer, que o povo gosta muito, é biscoito. Biscoito de polvilho. A gente desenha caraminholas nas formas.” “Fica bom?” “Sim, uma delícia!” “Então, a senhora podia dar uma aula sobre isso!” Na hora de ir embora, Tião perguntou: “Minha senhora, qual é mesmo o nome do biscoito?” “A gente chama aqui de biscoito escrevido!” “Em vez de fazer caraminhola, a gente pode escrever letras?” Claro que podia, então chamaram a meninada e fixaram uma regra: só comeria biscoito quem escrevesse o nome (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.68).

É interessante identificar no diálogo supracitado a convergência de pelo menos três técnicas: o respeito às diferenças e o diálogo, incentivados por meio da “pedagogia da roda”; a busca pelo saber popular, a adaptação e reinserção desse saber pode ser interpretada também como uma prática da “pedagogia do sabão”; ao transformar uma receita de biscoito em brincadeira e instrumento educativo, observo a influência da “pedagogia do brinquedo”.

Imagem 03 – Prática do “biscoito escrito”.



Fonte: Acervo de fotos do CPCD.

Fazendo uma análise na seção do site do CPCD que trata especificamente do projeto “Ser Criança”²¹, também é possível observar que suas diretrizes baseiam-se nas pedagogias já citadas:

[...] este projeto implementa ações educativas e de formação humana; [...] as premissas do “Ser Criança” estão fundadas sobretudo no diálogo, que inclui pais, alunos e comunidade; [...] todas as situações vividas pelas crianças, das mais rotineiras às mais ocasionais, são encaradas como “conteúdos educacionais” significativos; [...] todos os espaços comunitários ocupados pelos participantes são convertidos em “espaços de aprendizagem”; [...] a regra geral na aplicação dessa filosofia é o respeito às diferenças e singularidades individuais: cada ritmo, cada fazer, cada saber.²²

Na prática, o “Ser Criança” é a sede de um projeto educativo que oferece para as crianças, diversas atividades durante o período em que não estão na escola regular. Dentre essas, destacam-se as aulas de música, dança e teatro, os jogos e as brincadeiras.

²¹ Em <<http://www.cpcd.org.br/ser-crianca>>. Acesso em: 21 de março de 2015.

²² Em <<http://www.cpcd.org.br/ser-crianca>>. Acesso em: 21 de março de 2015.

Além dessas atividades, as crianças também podem participar dos projetos paralelos e sub-projetos que acontecem no mesmo espaço sob as mesmas premissas.

A rodas são fundamentais para o projeto, uma vez que praticamente tudo o que é realizado por lá é configurado em formato de roda. Desde os pequenos conflitos entre as crianças, até as decisões sobre o funcionamento da “casa” são discutidas em roda.

A roda não é apenas um pretexto para iniciar as atividades, mas também uma ferramenta aplicada em quase todo tipo de reunião, seja para fazer um balanço dos projetos ou para resolver algum imprevisto. [...] Desde quando se sentaram pela primeira vez em círculo, perceberam um elemento-chave: essa disposição possibilita que cada um olhe no olho do outro. Nesses grandes arcos de gente, os educadores tornam-se “provocadores de clarões” (GRAVATÁ *et al.*, 2013, p.75).

O projeto não ocorre apenas nas limitações da sua sede, até porque a prática educativa pode acontecer em todos os lugares: debaixo de um pé de manga ou até na rua, porque não? Foi assim que uma rua da cidade de Araçuaí, ficou conhecida como “Rua dos Meninos”. Os moradores locais costumavam reclamar à respeito do gosto das crianças em “irem pra rua” e “brincar na rua” ao invés de irem para a escola, como se a rua fosse um lugar ruim para permanecer enquanto a escola aparecia como o local ideal. O pessoal do projeto resolveu trazer então, práticas de educação para a rua, como forma de desconstruir a sua negativização e reforçar a sua importância: se as crianças gostam de “ir para a rua”, porque não leva-las para a rua?

Dessa forma a Rua Uberaba foi adotada pelas crianças do projeto e a partir de então, passou a receber ações de revitalização desenvolvidas pelas crianças e seus educadores. Gravatá *et al.* (2013, p.74) narram as observações durante sua visita ao projeto:

No primeiro dia em que visitamos o projeto, a turma da tarde se dedicava a uma missão: plantar dez árvores frutíferas em uma rua perto da escola [...] Árvores já haviam sido plantadas anteriormente por eles. Um dos moradores parabenizou a ação das crianças enquanto caminhávamos pela rua, dizendo que já tinha até cercado a sua muda para que nenhum animal a destruísse. Rodeados de crianças, o educador e ex-aluno do CPCD Yuri Hunas, 23 anos, suava para cavar a terra, ajudado pela meninada. Em um grupo decidido a brincar de entrevistador, um dos alunos perguntou ao educador, com o punho fechado frente à boca, como se fosse um microfone: “Tem alguma reportagem para falar?” “Eu estou gostando do plantio de mudas, daqui a 20 anos essa

rua vai estar toda sombreada”, respondeu Yuri. “Estamos até reciclando pneus!”, emendou outro aluno apontando para as plantas rodeadas por pneus velhos. “E os moradores desta rua estão adorando!” completou o jovem, olhando para a dona de uma das casas, que assistia ao grupo da porta da sua residência, com um bebê no colo.

O projeto “Ser Criança” é desenvolvido tendo como base as tecnologias sociais e pedagogias do CPCD, e por sua vez, serve de base para a realizações de projetos paralelos e sub-projetos, disponibilizando sua estrutura física e pessoal e oferecendo de subsídios. Em suma, os objetivos do “Ser Criança” são:

[...] promover ações afirmativas no cotidiano de crianças de 7 a 14 anos, atuando contra o fracasso escolar e pessoal; [...] proporcionar aos alunos o senso de responsabilidade consigo próprios, com os colegas e com os diversos ambientes em que transitam em seu cotidiano; Auxiliar crianças e adolescentes, em sua vida cotidiana, dentro e fora do contexto escolar, na busca de experiências produtivas, da apropriação dos elementos de seu mundo no próprio crescimento pessoal; Desenvolver atividades que valorizem e aprimorem os saberes populares específicos de cada comunidade; Promover amplo diagnóstico que permita uma intervenção positiva dos educadores e das próprias atividades do projeto na vida das crianças por meio de ações integradas e de mão-dupla entre o projeto e a família, entre o projeto e a escola, e entre o projeto e a comunidade, numa cadeia de ações afirmativas.²³

No site do YouTube²⁴ há uma reportagem exibida pela “TV Araçuaí” no seu próprio canal²⁵ de notícias que apresenta dois outros projetos do CPCD que funcionam em concomitância com o “Ser Criança”: o projeto “Arassussa” e o Coral Meninos de Araçuaí, já citado anteriormente. Em relação ao “Arassussa”, o narrador diz: “O projeto alimenta quatro objetivos específicos que são: o empoderamento comunitário; o compromisso ambiental; a satisfação econômica; e os valores éticos, humanos e culturais.”²⁶

O projeto “Arassussa” é um projeto paralelo ao “Ser Criança”, e acontece em parceria com outras 13 instituições brasileiras do segundo e terceiro setor. Seu objetivo comum é contribuir concretamente para a transformação social do Vale do

²³ Em <<http://www.cpcd.org.br/ser-crianca>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

²⁴ Em <<http://www.youtube.com>>. Acesso em: 21 de março de 2015.

²⁵ Em <http://www.youtube.com/channel/UC2hjowS1BAe_9LLPjA_nODg>. Acesso em: 23 de março de 2015.

²⁶ Em <<http://www.youtube.com/watch?v=gaWMuPsFt2M>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

Jequitinhonha. Sua aplicação está destinada às comunidades da região, além disso, todas as atividades desenvolvidas estão relacionadas com os “sete focos do projeto: água, energia, alimento, habitação, trabalho, educação e cultura. Construir esta matemática é o grande desafio e meta do CPCD, instituição-coordenadora da plataforma, nos próximos cinco anos”.²⁷

Já o “Coral Meninos de Araçuaí” pode ser compreendido como um sub-projeto, já que o coro é formado por crianças de 07 a 12 anos que também participam do projeto “Ser Criança”. “A música entrou como um grande aliado no processo de formação de cidadania, socialização, sensibilização, estética e principalmente o desenvolvimento da autoestima”.²⁸ Em atividade desde 1998, o coral já conta com 6 cds e 2 dvds gravados, participaram também do cd Pietá de Milton Nascimento e já realizaram diversos espetáculos em várias cidades brasileiras e em Paris, França.

Imagem 04 – Coral Meninos de Araçuaí.



Fonte: Acervo digital de fotos do CPCD.

²⁷ Em <<http://www.cpcd.org.br/arassussa>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

²⁸ Em <<http://www.cpcd.org.br/meninos-de-aracuai>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

Além desses, identifiquei por meio do site do CPCD, outros projetos que também acontecem em Araçuaí e parecem estar diretamente relacionados ao “Ser Criança”. O “Cinema Meninos de Araçuaí” foi construído em Araçuaí a partir da renda que o coral recebeu em apresentações e venda de cds. A sala “possibilita o encontro dos mais diversos públicos sendo um dos locais de difusão cultural mais importantes da cidade, com programação contínua de filmes para a comunidade, cineclubes e sessões comentadas”.²⁹

Imagem 05 – Fachada do Cinema Meninos de Araçuaí.



Fonte: Acervo digital de fotos do CPCD.

Junto com o a sala de cinema, criou-se um núcleo de audiovisual. A técnica veio por meio de cursos oferecidos pelo CPCD, atualmente toda a produção audiovisual é feita pelos jovens do projeto organizados na “Cooperativa Dedo de Gente”. “Muitos artistas e pessoas da região podem ver sua história transformada em filmes, nessas produções que tem uma linguagem própria, jovem, local”.³⁰

De acordo com uma reportagem do BDMG TV, disponível on-line a estudante “Jéssica Borges” de 16 anos fala sobre a sua experiência com o audiovisual: “É o

²⁹ Em <<http://www.cpcd.org.br/cinema-meninos-de-aracuai>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

³⁰ Em <<http://www.cpcd.org.br/cinema-meninos-de-aracuai>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

máximo assim... Eu poder estar filmando, captando as minhas próprias imagens, e depois eu estar ali na frente do computador editando ela”.³¹

Imagem 06 – Participantes da Cooperativa Dedo de Gente.



Fonte: Acervo digital de fotos do CPCD.

A Cooperativa Dedo de Gente é outro projeto apresentado no site do CPCD, trata-se de uma organização formada por diversos grupos produtores – nomeados pelo CPCD como “Fabriquetas”. A cooperativa é organizada pelos jovens e possui uma loja virtual³² onde é possível adquirir produtos como: Bolsas femininas; Comotas de doces e de conservas; artigos de arte em ferro; CDs e DVDs e utilitários domésticos. Tudo que é vendido pela cooperativa é produzido pelas “Fabriquetas”, especificamente em Araçuaí estão as “Bambuzeria”, “Designer em cerâmica”, “Arte em sucata de ferro”, “Tinta de terra”, “Moda Jequitinhonha” e de “Softwares”.

As fabriquetas são núcleos de produção de tecnologias populares, com características e funções comunitárias, que visam o fortalecimento da renda familiar. São auto-suficientes, e encontram-se no estágio de expansão de produção e comercialização regionalizada, caminhando gradativamente para sua autonomia administrativo-

³¹ Em <<http://www.youtube.com/watch?v=cIWse0HYeUk>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

³² Em <<http://www.dedodegente.com.br>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

financeira, gerando renda e trabalho regular para os seus participantes.³³

Imagem 07 – João do Burro. Objeto de arte confeccionado pela Fabriqueta Arte em Sucata de Ferro.



Fonte: Acervo digital de fotos da Cooperativa Dedo de Gente.

O impacto do projeto nas comunidades onde ele atua fica visível na fala de Fernanda – mãe de duas crianças que participam do projeto “Ser Criança” na cidade de Curvelo, Minas Geraes – durante um vídeo produzido pelo CPCD e disponibilizado no *YouTube*:

Aqui através desse projeto, eu tive um incentivo pra prosseguir a minha vida, pra criar os meus filhos sozinha. Tive o incentivo de ser mãe a cada dia, e aprender a ser mãe... Muitas vezes a gente olha os filhos, coloca os filhos no mundo e simplesmente deixa eles no projeto, deixa eles na escola, mas você não quer participar. Eu aprendi aqui, a participar com meus filhos, a catar latinha na rua, a catar garrafa pet, a pegar tampinha, a ver aquilo que eles estão fazendo, o que é bom pra eles... E tem ajudado muito na educação deles.³⁴

³³ Em <<http://www.cpcd.org.br/fabriquetas>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

³⁴ Em <<http://www.youtube.com/watch?v=H11u8zHHYM>>. Acesso em: 23 de março de 2015.

Em virtude dos dados apresentados nesse capítulo, podemos compreender o projeto “Ser Criança” em Araçuaí como um projeto base que por meio de suas atividades auxilia as crianças na sua formação pessoal e escolar, proporciona o estreitamento da relação entre família, escola e projeto, busca conhecer as potencialidades da comunidade – utilizando o IPDH – e por meio desses dados, cria, desenvolve e acompanha ações e projetos paralelos e subprojetos a fim de causar impacto social. Todos os projeto desenvolvido pelo CPCD em Araçuaí já citados neste trabalho parecem trabalhar em conjunto, trocar informações e capital humano.

5 Resultados e discussão

5.1 Caracterização da Pesquisa

Para esta pesquisa foram aplicados 7 questionários com questões abertas aos educadores do projeto “Ser Criança”, localizado na cidade de Araçuaí - MG.

Os questionários foram enviados via *e-mail* no dia 25 de junho de 2015, e foram coletados até a data de 10 de julho do mesmo ano. O questionário se encontra no “apêndice 1” (p.56) deste trabalho. Conforme já elucidado no Capítulo 2, recebemos apenas 5 respostas. Dessa forma, optei por condensá-las e analisá-las segundo a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977).

Elaborei então, para esta pesquisa qualitativa, uma grade semiaberta, também conhecida como grade mista. Nela, apresento os temas e subtemas originados do material teórico sobre o projeto anteriormente apresentado, além de outros temas que surgiram durante o discurso dos educadores pesquisados.

No “Quadro 1” apontam-se os temas propostos para a análise e os subtemas relacionados para as questões levantadas nas perguntas dos questionários.

Quadro 1 – Temas e Subtemas para Análise

Temas	Subtemas
Projeto “Ser Criança”	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades realizadas - Interação com outros projetos - Pedagogias (da roda, do brinquedo) /Tecnologias Sociais - Cultura/Música/Arte - Dificuldades - Facilitadores
Participantes/Envolvidos/Afetados	<ul style="list-style-type: none"> - Educadores - Crianças/ Comunidade - Impactos na vida
Vivência	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo/Trocas de experiência - Respeito/ Diversidade - Empoderamento/Autonomia - Valorização/Valores

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A seguir apresentarei a caracterização dos sujeitos que participaram da pesquisa, bem como a análise dos seus discursos a partir desta grade.

5.2 Análise dos Dados

Em relação aos questionários enviados, obtive 5 respondentes, escolhidos por acessibilidade, sendo todos estes educadores do projeto analisado, mulheres, envolvidas diretamente com as atividades deste. Todas as respondentes autorizaram a utilização de suas informações nesta pesquisa, desde que sua identidade fosse preservada.

Apresento o “Quadro 2”, a seguir, com a formação educacional destas educadoras e o tempo de atuação no projeto “Ser Criança”.

Quadro 2 – Caracterização da amostra

Pesquisado	Formação	Tempo no projeto
Educadora 1	Superior: Ciências Biológicas	14 anos
Educadora 2	2º grau	Participou desde a infância como foco do projeto
Educadora 3	Superior: Pedagogia	15 anos e 9 meses
Educadora 4	Superior incompleto: Pedagogia	10 anos e 9 meses
Educadora 5	2º grau	9 anos

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Percebe-se que, das 5 pesquisadas, apenas 2 não possuem ou estão cursando um curso superior. Além disso, é interessante apresentar a fala da educadora 2, quando explica que foi *“convidada para ser Educadora aqui no projeto não por formação universitária, mais sim por tudo que vivi dentro do Projeto como criança, adolescente e dos destaques que fui tendo durante esse percurso”*. Esse relato pode demonstrar a importância percebida do envolvimento do projeto com seus participantes, sejam educadores ou educandos.

Em relação ao tempo de atuação no projeto, todas as educadoras pesquisadas possuem no mínimo 9 anos de envolvimento. Esse ponto se apresenta altamente positivo, pois sugere, que estes educadores possuem aderência com as propostas e atividade do projeto, o que representa um importante diferencial.

Foi perguntado, ainda, às educadoras em relação aos critérios para que a criança possa ingressar no projeto. Todas afirmam que a criança deve possuir entre 6 e 14 anos e, ainda, que esteja matriculada regularmente na escola, não havendo outro critério de seleção no grupo. É interessante perceber que este quesito da não exclusão fica claro no discurso da educadora 3: *“Tendo a idade de 06 a 14 anos, e matriculados na escola formal, aberto a qualquer nível social”*. Este discurso sugere a preocupação veemente com a inclusão social no projeto. Como apresentado por Freire (1996, p.17), “faz parte

igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia”.

A primeira temática analisada foi o discurso das respondentes em relação ao projeto “Ser Criança” e seus subtemas apresentadas no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – Tema: Projeto “Ser Criança”

Tema	Subtema
Projeto “Ser Criança”	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades realizadas - Interação com outros projetos - Pedagogias (da roda, do brinquedo) / Tecnologias sociais - Cultura/Música/Arte - Dificuldades - Facilitadores

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Em relação ao subtema “atividades realizadas” as respondentes afirmam que fazem parte delas: *“Dinâmicas, brincadeiras, brinquedoteca, teatro, jogos, rodas de conversa, cantoria, dentre outras que valorizam a cultura local e são motivo e pretexto para uma nova aprendizagem”* (educadora 1). Acrescentando a esse relato, a educadora 2 diz que utilizam de *“[...] dinâmicas, jogos, permacultura, musicalização e a rua dos meninos”*. Já a educadora 4 abrange suas atividades apontando que não só as crianças estão envolvidas com o mesmo, mas a comunidade local também:

Jogos, mediação de leitura, brinquedoteca, pedagogia do biscoito, brincadeira, dinâmicas, oficinas de música, percussão, teatros, rodas de conversa, oficinas na comunidade e escola e muitas outras atividades educativas e lúdicas (educadora 4).

Apenas a educadora 3 apresentou como atividades do projeto *“planejamento, acompanhamento dos trabalhos junto aos educadores, reuniões mensais com a equipe de educadores, realização de oficinas com as famílias [...], avaliação do trabalho de toda a equipe [...]”*. Acredita-se que esse viés na concordância das respostas se apresenta porque esta respondente é responsável pelas atividades gerenciais do projeto, estando, talvez, menos presente no cotidiano lúdico deste. Além disso, é possível associar a resposta da educadora 3 às tecnologias sociais adotadas pelo CPCD nos seus projetos: os Planos de Trabalho e Avaliação (PTA), os Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais (IQPS) e o Monitoramento de Processos e Resultados de

Aprendizagem (MPRA). Conforme já citado anteriormente “a prática docente crítica, implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p.17).

Em relação ao subtema “interação com outros projetos” não foi identificado nos relatos este elemento. Entretanto, isto não garante que não exista tal interação, apenas que não se apresentou como foco de respostas nos questionários analisados. Sabemos, por meio das pesquisas realizadas na internet, que ao menos 3 projetos interagem com o projeto “Ser Criança”: trata-se da “Cooperativa Dedo de Gente”, do “Coral Meninos de Araçuaí”, e do projeto “Arassussa”, também desenvolvidos pelo CPCD.

Quando se trata das “Pedagogias (da roda, do brinquedo) e/ou tecnologias sociais” uma das respondentes afirma que:

A roda é a nossa principal atividade onde cada um tem a oportunidade de expor suas ideias, sugerir alternativas para as soluções dos problemas, que possam surgir no cotidiano, é onde cantamos, batucamos, brincamos, etc (educadora 5).

Assim como apresentado por Gravatá *et al.* (2013, p. 75),

[...] desde quando se sentaram pela primeira vez em círculo, perceberam um elemento-chave: essa disposição possibilita que cada um olhe no olho do outro. Nesses grandes arcos de gente, os educadores tornam-se provocadores de clarões.

Ainda segundo a educadora 5, a pedagogia da roda é “o nosso ponto de partida, e a partir dela realizamos outras atividades [...]”. A educadora 2 diz que “o Projeto oferece às crianças uma educação lúdica. Nossas ações giram em torno da pedagogia da roda, do brinquedo”. Explicando melhor como acontece a metodologia da roda no projeto, a educadora 5 complementa sua ideia dizendo que:

Esse momento é nosso ponto de partida, a partir dela realizamos outras atividades como: o teatro, a música, a mediação de leitura (trabalho com livros), a brinquedoteca (reciclagem de materiais), a permacultura (trabalho desenvolvido com hortas, espirais de ervas, mandalas), pinturas com tinta de terra, etc (educadora 5).

Com relação ao subtema ‘cultura/música/arte’, por meio da pesquisa pode-se perceber o engajamento destas educadoras neste quesito. A educadora 3 afirma que uma das dimensões do projeto é trabalhar os valores humanos e culturais. A educadora 1

afirma que utilizam de atividades que valorizam a cultura local. E até mesmo pela análise da primeira temática do quadro 03 (atividades realizadas) podemos inferir que a cultura, a música e a arte são as bases para o desenvolvimento do projeto na comunidade. No capítulo 3 apresentei uma indagação de Freire (1996) à respeito do motivo de não se aproveitar os saberes locais em processos educacionais, além disso, no capítulo 4, apresentei um trecho da obra de Gravatá *et al.* (2013) que narra a busca de Tião Rocha, no início do projeto, pelos saberes tradicionais nas comunidades, conversando com as pessoas e convidando-as a participar, ensinar o que sabem, afim de promover a introdução desses saberes nos processos de educacionais direcionados as crianças da própria comunidade.

As “dificuldades” relatadas pelas educadoras se norteiam pela falta de reconhecimento do órgão público local, como afirmam as educadoras 1, 3 e 4, e as dificuldades com patrocinadores como apontado pelas educadoras 2 e 5. Sendo assim, percebe-se que, como na maioria dos projetos, os recursos e suporte para seu desenvolvimento se apresentam como maior empecilho para uma boa condução de suas atividades. Todavia, como afirma a educadora 5, mesmo *“quando estamos com alguma dificuldade com patrocinadores, o Projeto não deixa de funcionar, mas enfrenta alguns desafios devido a isso”*. Esta perspectiva demonstra o engajamento desta equipe com o sucesso deste projeto. Retomando a ideia de Freire (1996, p.52-53),

É necessário estar aberto ao gosto de querer bem, as vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. [...] Mas é preciso, sublinho, que, permanecendo e amorosamente cumprindo o seu dever, não deixe de lutar politicamente, por seus direitos e pelo respeito à dignidade de sua tarefa, assim como pelo zelo devido ao espaço pedagógico em que atua com seus alunos.

No momento da leitura das respostas dos questionários, senti a necessidade de adicionar outro subtema ao Quadro 03: trata-se do “facilitadores”. Foi identificado um relato interessante da educadora 2 que diz que dentro do projeto eles possuem uma metodologia de trabalho conhecida como MDI – Maneiras Diferentes e Inovadoras. Esta ferramenta *“nos auxilia para que tenhamos resultados positivos nos objetivos”*. Infelizmente não foi encontrado em nenhum outro relato, ou a continuação deste, com uma melhor explicação desta metodologia, porém, por meio da análise dos dados, sabe-se que o MDI é uma metodologia que lida com as possibilidades. Ao olhar para o “lado cheio do copo”, assim como instrui a “pedagogia do copo cheio”, surge uma abundância

de abordagens que servem para resolver um problema baseando-se nas suas possibilidades concretas de resolução. Gravatá *et al.* (2013, p.77) explicam,

Se uma criança não está aprendendo a ler, ainda que muitos esforços já tenham sido mobilizados, organiza-se um MDI, que se resume à pergunta: De quantas Maneiras Diferentes e Inovadoras é possível alfabetizar essa criança? A partir de questionamento como esse, listas de soluções são produzidas.

Em sequência, foi foco de análise a temática “participantes/envolvidos/afetados” tendo como seus subtemas de análise apresentadas no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4 – Tema: Participantes/Envolvidos/Afetados

Tema	Subtema
Participantes/Envolvidos/Afetados	<ul style="list-style-type: none"> - Educadores - Crianças/ Comunidade - Impactos na vida

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Pelo relato da educadora 3 fica claro que os trabalhos de planejamento e acompanhamento do projeto são realizados em conjunto com os educadores. No que se refere ao subtema “Educadores”, a educadora 3 afirma que há “*reuniões mensais com a equipe de educadores*”, ela ainda explica que “*a avaliação do trabalho é feita com toda a equipe*”. Corroborando este relato, a educadora 5 apresenta que “*cada um tem a oportunidade de expor suas ideias, sugerir alternativas para as soluções dos problemas*”.

Com relação ao subtema “crianças/comunidade”, os relatos evidenciam que todos são envolvidos no projeto. A educadora 5 afirma que:

Essas atividades também são realizadas diretamente dentro da comunidade, onde temos a Rua Uberaba que foi adotada pelo projeto “Ser Criança”, também conhecida como Rua dos Meninos (educadora 5).

A educadora 2 também relata sobre a ‘Rua dos Meninos’ dizendo que “*rua essa em que provocamos a comunidade a querer mais pelo seu lugar*”. Quando se trata de “impactos na vida” dos participantes/envolvidos/afetados é veemente o relato da educadora 2 quando diz que:

Desde os 10 anos de idade participei como criança do Coral dos Meninos de Araçuaí, e com 16 anos fui para outro projeto do CPCD: a Fabriqueta Dedo de Gente, onde o foco é a educação pelo trabalho. Quando encerrou a formação desses jovens, na época, podíamos escolher qual oficina queríamos participar entre marcenaria, moda, tinta de terra e serralheria, e para

surpresa de muitos eu e mais 2 meninas quebramos paradigmas e escolhemos marcenaria, onde criamos muitos móveis e brinquedos. Mais à frente fui convidada para ser Educadora aqui no projeto, não por formação universitária, mas sim por tudo que vivi dentro do Projeto como criança, adolescente e dos destaques que fui tendo durante esse percurso (educadora 2).

Percebe-se nesse relato, que o impacto do projeto na vida desta educadora foi altamente significativo. Outro trecho que demonstra este impacto foi o da educadora 3 em que afirma que o Projeto permite que cada criança ao participar dele pode enxergar o seu potencial e que a partir disso aprende a valorizar e respeitar a opinião do outro. Segundo a educadora 1, é objetivo do Projeto “*ser uma via de transformação na vida de todos*”. Como já foi citado anteriormente, no prefácio de Fiori, em Freire (1987, p.11),

[...] fundamentalmente, um método de cultura popular: conscientiza e politiza. [...] Não tem a ingenuidade de supor que a educação, só ela, decidirá dos rumos da história, mas tem, contudo, a coragem suficiente para afirmar que a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano.

O Quadro 5 apresenta a temática “vivência” e seus subtemas. É interessante observar que, durante a leitura das respostas dos questionários aplicados, percebi que a adição do subtema “valorização/valores” seria essencial para a análise dos dados.

Quadro 5 – Tema: Vivência

Tema	Subtema
Vivência	- Diálogo/Trocas de experiência - Respeito/ Diversidade - Empoderamento/Autonomia - Valorização/Valores

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

No que se refere ao primeiro subtema “diálogo/trocas de experiências”, percebe-se, pelo relato da educadora 5, que na atividade da roda cada componente tem a oportunidade de expor suas ideias e sugerir alternativas para problemas. Este comentário demonstra que a vivência do Projeto proporciona o diálogo e troca de experiências entre os envolvidos. Tal relação fica ainda mais clara quando a mesma educadora diz que o projeto “Ser Criança” tem papel na formação humana e cidadã dos estudantes quando:

Desenvolve atividades que fazem cada um perceber, através tanto da teoria quanto da prática a importância da transformação. Modifica a realidade de um lugar com ideias que valorizam o lado luminoso das pessoas, com práticas sustentáveis que transformam a nossa

comunidade, a nossa cidade em um lugar melhor de se viver, com mais dignidade e saúde (educadora 5).

O subtema ‘respeito/diversidade’ parece estar relacionado ao subtema ‘diálogo/trocas de experiências’ quando analisados à luz dos relatos. Quando a educadora 3 afirma que o Projeto “*permite que cada criança possa enxergar o seu potencial e que a partir disso aprenda a valorizar e respeitar a opinião do outro, através do diálogo tendo a roda de conversa como a principal referência de mediação e provocadora de novas atitudes*” percebe-se que os subtemas em questão estão inter-relacionadas, não sendo possível a separação para análise nos discursos dos respondentes. Isso fica mais claro ainda quando se observa o relato a seguir:

Temos o papel de promover ações educativas que permitem crianças, educadores, família, escola e comunidade a se socializarem, trocar experiências, aprender um com o outro para potencializar através de ações conjuntas para promover transformações humanas e culturais, chegando a tão sonhada transformação social (educadora 3).

Além disso, é importante elucidar, na resposta da educadora 2, o momento em que ela sugere a roda como um instrumento democratizador, priorizando o diálogo e a participação das crianças no projeto:

A roda é uma grande democratizadora, todos se encontram, ficam lado a lado, cantam, batucam, e resolvem seus problemas com muita alegria e participação. Nossa metodologia procura valorizar e inovar sempre junto com os meninos, garantindo aprendizado, socializando o ensinar e aprender (educadora 2).

Quanto ao subtema “empoderamento/autonomia”, a educadora 3 relata que as atividades realizadas no projeto “*buscam promover ações com foco no empoderamento comunitário e na satisfação econômica*”. No relato da educadora 2 o projeto representa “*uma família, pois possui um olhar humano que nos potencializa e nos faz ter esse empoderamento como pessoa cidadã*”. No site do CPCD, há um texto que fala sobre a “pedagogia do sabão” que também cita o empoderamento comunitário:

[...] utiliza-se os saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria-prima de ações pedagógicas, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário.³⁵

³⁵ Em <<http://www.cpcd.org.br/historico/pedagogias-do-cpcd>>. Acesso em: 14 de março de 2015.

Quanto ao subtema “valorização/valores”, é interessante perceber duas passagens que apresentam estes itens relacionados à ‘vivência’ no projeto. A educadora 3 afirma que todo o foco está em elaborar ações direcionadas a “*dimensões tais como valores humanos e culturais, compromisso ambiental, empoderamento comunitário e satisfação econômica*”. Já a educadora 4 afirma que,

cada criança que passa pelo Projeto carrega uma grande bagagem, que tudo que realizamos dentro do ‘Ser Criança’ tem grandes valores culturais e humanos, nos quais cada um aprende e valoriza seu espaço, o que tem transformado seu aprendizado em experiência de vida (educadora 4).

A educadora 1 afirma que as atividades do Projeto valorizam a cultura local e que “*promovem ações educativas que interferem positivamente em suas vidas chegando também às famílias envolvidas*”. Segundo a educadora 2, a vivência promove valores quando trabalha com o Coral Meninos de Araçuaí que:

De certa forma, colocou a cidade e seus valores em todos os palcos e esquinas deste país, levando toda a mineiridade do nosso vale e mostrando que vale a pena acreditar nos sonhos. Atualmente estou à frente do coral como coordenadora. Já estivemos em muitos palcos desse país e até na França (ano do Brasil na França) com o espetáculo Ser Minas Tão Gerais com Milton Nascimento. Além do Milton como parceiro já dividimos palco com Gilberto Gil (educadora 2).

Nos relatos anteriores encontramos elementos da temática “vivência” relacionada à “valorização/valores”, bem como elementos relacionados à “respeito/diversidade” e “troca de experiências”. Nesse trabalho, a vivência é compreendida como a possibilidade de participar ativamente dos seus próprios processos, sejam eles educativos ou não, dando um passo rumo à sua libertação. Conforme já discutido, segundo Freire (1987, p.16-17), para que essa luta faça sentido, o oprimido não pode agir como opressor do seu opressor, mas como “restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores”. É exatamente do que se trata a pedagogia do oprimido, “é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí” (FREIRE, 1987, p.22).

Em virtude dos fatos mencionados nesse capítulo, é possível sugerir que há um forte comprometimento das educadoras com o projeto: todas as pesquisadas têm no mínimo 9 anos de envolvimento e não apresentaram nos seus relatos, aspectos negativos

em relação ao projeto. O comprometimento pode ser verificado também na fala de algumas mães de crianças do projeto, já citadas. E porque não observá-lo também nas ações das crianças, como por exemplo quando vão até a “Rua dos Meninos” com a intenção de revitalizá-la. Acredito que há comprometimento porque os envolvidos têm a possibilidade de se enxergarem nele, já que eles podem participar ativamente das decisões e dos processos de estruturação e funcionamento do projeto. Se o indivíduo se enxerga nele, já não se trata mais de um comprometimento do indivíduo com o projeto, mas sim, dele com ele mesmo e sua comunidade.

6 Conclusões e Limitações

6.1 Conclusões

De acordo com os resultados apresentados anteriormente, podemos concluir que o projeto “Ser Criança” tem um papel importante na formação humana e cidadã dos envolvidos, mas não só das crianças, como também de suas famílias e da comunidade que os cerca. As várias atividades realizadas no projeto, e isso deve incluir a sua interação com outros projetos que podem acontecer ou não no mesmo espaço, parecem ser baseadas no diálogo, na participação, na construção coletiva de seus próprios processos, no afeto e no respeito à diversidade. Isso fica claro na ênfase que as educadoras deram à “pedagogia da roda”, anunciando-a como o palco de todas as atividades envolvidas.

No mesmo universo, os meninos, ora estão engajados na restauração de uma rua da cidade, plantando árvores e reciclando pneus; ora aguardam ansiosos na cozinha do projeto pela fornada do “biscoito escrevido”; ora estão em roda cantando, dançando e tocando tambores; ora estão em coro dividindo palcos com ninguém menos que Milton Nascimento.

O impacto social do projeto na vida dos envolvidos vai além do meio artístico. Observamos em uma das respostas da educadora 2 o momento em que ela menciona: *“fui criança, participei como criança do coral Meninos de Araçuaí”*, referindo-se ao fato de ter participado do projeto como criança beneficiada e hoje atuar como educadora do mesmo. Existem outras narrativas presentes nos vídeos sobre o projeto disponibilizados *on-line*, aos quais já citamos nesse trabalho, que apresentam essa mesma situação. Ou seja, o projeto também gera empregos e renda para a comunidade, principalmente por meio da “Cooperativa Dedo de Gente”.

Priorizando o diálogo, o projeto “Ser Criança” e os outros projetos desenvolvidos também enfatiza “escuta”. Se não há escuta, não há diálogo, sem diálogo não há como promover igualdade, oportunidades, emancipação, etc. Sem a escuta não há como conhecer nem as carências da comunidade em questão, que dirá identificar as potencialidades.

Se o caso é, por meio da escuta, promover a igualdade, oportunidade e emancipação, podemos dizer que o projeto “Ser Criança” é sim “uma forma de praticar Paulo Freire”, como disse Tião Rocha.

Não houveram apontamentos negativos acerca do projeto por parte das educadoras pesquisadas, apenas queixas sobre a dificuldade de conseguir apoio para o projeto junto ao órgão municipal de Araçuaí. A maior parte do conteúdo pesquisado na internet é de autoria e produção do CPCD, dessa forma, obviamente não há apontamentos negativos neles também. Minhas críticas ao projeto direcionam-se à dificuldade de conseguir contato com a coordenação em Araçuaí, e a inexistência e/ou indisponibilidade de documentos oficiais do projeto “Ser Criança”.

É interessante observar que as práticas educativas do CPCD poderiam ser incorporadas na “Escola de Tempo Integral” e em outros projetos educacionais. Utilizando um exemplo na cidade de Viçosa, Minas Gerais, há um projeto desenvolvido pela “Associação Assistencial e Promocional da Pastoral da Oração de Viçosa” (APOV) no bairro de Nova Viçosa, que vive uma experiência mais balizada na “Escola da Ponte”. Esse projeto poderia incorporar as práticas do CPCD no seu cotidiano. Para além disso, é preciso pensar as formas de se utilizar essas práticas inovadoras, que ainda encontram-se limitadas a poucos grupos, na escola regular. De forma a atingir a massa, o povo, os “oprimidos”.

6.2 Limitações

Em relação às limitações desta pesquisa, pude identificar algumas questões que poderiam ter aprimorado os resultados. Percebi, por exemplo, que uma reformulação da questão 5 do questionário (apêndice 1, p.56) poderia ter possibilitado um melhor entendimento da questão e, por conseguinte, respostas mais direcionadas ao objetivo principal deste trabalho. Além disso, percebi também a possibilidade de questões adicionais serem incluídas no questionário. Infelizmente, esses apontamentos só surgiram na condução da análise dos dados.

Não foi possível estipular o número exato de educadores que integram o projeto “Ser Criança” em Araçuaí, uma vez que todos os envolvidos com as crianças - dentro e fora do projeto - são considerados por eles como “educadores”. Conforme já foi dito, recebi o contato de 9 pessoas para enviar os questionários, mas isso não significa que esse é o número total de educadores que atuam no projeto. Outra limitação foi a impossibilidade de encontrar pesquisas e/ou publicações acerca do projeto “Ser Criança”.

Uma pesquisa de *design* emergente, se molda quando da sua realização. Porém, nem sempre, considerando os prazos impostos pela academia, é possível ampliar o seu escopo. Isso faz com que uma “porta” permaneça aberta para que a pesquisa possa continuar em outro momento...

7 Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; MITRULIS, Eleny. **Os ciclos escolares: elementos de uma trajetória**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 108, p. 27- 48, nov. 1999.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antonia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidências, [online]. 2011, vol.7, n.7, pp. 251-266. ISSN 1908-2327
- DAGNINO, Renato Peixoto. **Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade**. Renato Dagnino; colaboradores Bagattolli, Carolina ...[et al.] . Campinas,SP: IG/UNICAMP, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984
- FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 23º ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 1999. In: CHAER, Galdino & DINIZ, Rafael Rosa Pereira & RIBEIRO, Elisa Antonia. **A técnica do questionário na pesquisa educacional**. Evidências, [online]. 2011, vol.7, n.7, pp. 251-266. ISSN 1908-2327

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar Projeto de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRAVATÁ, André. PIZA, Camila. MAYUMI, Carla. SHIMAHARA, Eduardo. **Volta ao mundo em 13 escolas**. São Paulo: Fundação Telefônica: A. G., 2013.

LAVIANA GASPAROTTI, Nunes. **Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme *Entre os muros da escola***. *Pro-Posições* [online]. 2011, vol.22, n.3, pp. 113-130. ISSN 0103-7307.

MACHADO, Nílson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: Uma Orientação Aplicada**. 4ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Metodologia do Ensino - diferentes concepções**. Unicamp, 1993.

OLIVEIRA, Adriano Machado and TOMAZETTI, Elisete M.. **Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio**. *Educ. rev.* [online]. 2012, n.44, pp. 181-200. ISSN 0104-4060.

RAMOS, Douglas Rossi. **Práticas punitivas e de controle na escola: um estudo de caráter genealógico**. Em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_1376.pdf>. Acessi em: 06 de abril de 2015.

SOARES, Rosemary Dore. **A concepção socialista da educação e os atuais paradigmas da qualificação para o trabalho: notas introdutórias**. *Educ. Soc.* [online]. 1997, vol.18, n.58, pp. 142-155. ISSN 1678-4626.

Tecnologias sociais. **Rev. adm. empres.**, São Paulo , v. 51, n. 1, p. 109, Feb. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902011000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Nov. 2015. A.

NOVOA, Carlos Torres. **Entrevistas con Freire**. México dF: ediciones Gernika, 1983

8 Apêndices

8.1 Questionário aplicado aos educadores



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

“PROJETO SER CRIANÇA”: FREIREANDO EM MEIO ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS DO CPCD

O presente questionário é ferramenta metodológica de um Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa em parceria com o Departamento de Educação da mesma instituição, orientado pela Profa. Dra. Silvana Claudia dos Santos. Nosso principal objetivo é entender, sob a visão dos educadores como o Projeto Ser Criança contribui para a formação humana dos estudantes. Vale ressaltar que a participação é VOLUNTÁRIA e que a identidade dos respondentes será PRESERVADA. Mais informações sobre a pesquisa podem ser obtidas pelo e-mail rafael.b.martins@ufv.br ou pelo telefone (31) 3899-3967. Agradecemos a sua participação!

- 1- Qual é a sua formação?
- 2- Quais são as principais atividades que você realiza no projeto Ser Criança?
- 3- Há quanto tempo você participa do projeto?
- 4- Quais os critérios necessários para que uma criança possa ingressar no projeto?
- 5- Qual o papel do projeto “Ser Criança” na formação humana e cidadã desses estudantes?
- 6- Quais os principais desafios enfrentados para a realização e manutenção desse projeto?
- 7- Você autoriza a utilização dessas informações para fins de pesquisa, desde que sua identidade seja preservada?